



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
ESPECIALIZAÇÃO LATTUS SENSU EM ARTES VISUAIS
ÁREA PATRIMÔNIO CULTURAL



**O SOBRADO DE SÃO LOURENÇO:
De Moradia a Hotel Fazenda**

Rosane Maria R. Ferreira

Pelotas, 2012

**O SOBRADO DE SÃO LOURENÇO:
De Moradia a Hotel Fazenda**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Especialização em Artes, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Patrimônio Cultural, sob orientação do Prof. Carlos Alberto Ávila Santos.

Pelotas, RS

2012

Banca examinadora:

Prof. Carlos Alberto Ávila Santos

Prof^a. Larissa Patron Chaves

Prof^a. Maristani Zamperetti

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Carlos Alberto Ávila Santos pela sua paciência e orientação criteriosa no desenvolvimento desta monografia.

Aos meus familiares e amigos e, em especial, à Carolina F. Guimarães e João G. Moraes Neto, que me incentivaram a prosseguir nesta pesquisa.

Aos professores da banca, que se disponibilizaram a avaliar este trabalho.

“O presente é a sombra que se move separando o ontem do amanhã,
nele repousa a esperança”

Frank Lloyd Wright

RESUMO

Este trabalho estuda o sobrado colonial ou luso-brasileiro erguido na cidade de São Lourenço do Sul, às margens da Laguna dos Patos e do Arroio São Lourenço. Salienta as características da estética arquitetônica luso-brasileira e atenta para essas peculiaridades na construção do sobrado estudado. Ressaltam os valores históricos e estéticos da localidade e da arquitetura, como bens patrimoniais da sociedade lourenciana. Discorre sobre a reforma do edifício com a transformação do imóvel em Hotel Fazenda. Por um lado, a reforma eliminou algumas características originais dos ambientes interiores da construção. Por outro, possibilitou a ampliação dos rendimentos econômicos dos atuais proprietários, para a conservação do prédio e para a longevidade desse monumento que hoje se insere no Patrimônio Cultural de São Lourenço do Sul.

Palavras-chave: Patrimônio; Arquitetura; Estética Luso-Brasileira.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - 1: Forte São João, Bertioga, baixada Santista, São Paulo.	2:
Forte de São Marcelo, Salvador, Forte São Marcelo, Salvador	05
Figura 02 - 1: Igreja Nossa Senhora da Misericórdia, Porto Seguro, BA.	2:
Igreja Nossa Senhora da Graça de Olinda, PE	07
Figura 03 - 1: Igreja Jesuíta de São Pedro da Aldeia, RJ.	2 : Igreja Jesuíta
Nossa Senhora do Rosário, no município de Embu, SP	08
Figura 04 - 1: Igreja de São Bento. Morro de São Bento, no Rio de Janeiro.	
2: Catedral de São Pedro, Rio Grande, RS.....	09
Figura 05 - Taipa ou forma de madeira onde é prensado o barro	10
Figura 06 -1: Exemplo de casa de Taipa, MG. 2: Casa de pau-a-pique	11
Figura 07 - 1: Casa de pau-a-pique, Ipiaú, BA. 2: Armação para montagem	
da edificação em pau-a-pique.	11
Figura 08 -1: Casa dos Pilões, Jardim Botânico, Rio de Janeiro 2: Detalhes	
construtivos da arquitetura colonial em adobe.	12
Figura 09 - Beiral saliente em sobrado luso-brasileiro, Diamantina, MG.....	13
Figura 10 -1: Exemplo de beiral em beira sob beira e janela de arco abatido	
abatido. 2: Beiral apoiado em cornijas salientes, Paraty.	13
Figura 11 – Sobrado luso-brasileiro que apresenta beiral saliente em beira sob	
beira, São João Del Rei, MG.....	14
Figura 12 - 1: Sobrados em Ouro Preto, MG. 2: Cantarias empregadas aos	
cunhais da residência da Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto	15
Figura 13 - 1: Arquitetura Luso-Brasileira. (Sobrado) RJ 2:Edificações	
assobradadas do período Colonial. M.G:Arquitetura Luso-Brasileira.....	16
Figura 14 - Casas de porta e janela luso-brasileiras	17
Figura 15 - Construção do estilo luso-brasileiro.	18
Figura 16 - Evolução da casa brasileira segundo Lúcio Costa.....	19
Figura 17 - Planta baixa de morada inteira.....	20
Figura 18 - Planta baixa com circulação através dos aposentos.....	20
Figura 19 - Sede de Fazenda, Pelotas	21
Figura 20 - Barcaça de Imigrantes.	23
Figura 21 - 1: José Antônio de Oliveira Guimarães. 2: A casa assobradada de	
José Antônio de Oliveira Guimarães.....	25

Figura 22 - 1: Jacob Rheingantz. 2: Encenação da Chegada dos imigrantes alemães.....	25
Figura 23 - Vista do Arroio São Lourenço.....	26
Figura 24 - O sobrado da Fazenda São Lourenço.	27
Figura 25 -1: cobertura em quatro três águas do telhado, com beiral em beira sob beira. 2: Telhas de capa e canal.....	28
Figura 26 - Os dois módulos do sobrado.....	28
Figura 27 -1: As pestanas sobre os arcos abatidos das vergas das janelas do pavimento térreo. 2: Os frisos e as molduras de todas as janelas do segundo piso.....	29
Figura 28 -1: As janelas de guilhotina e os escuros de duas folhas das aberturas do sobrado. 2: As folhas dos escuros com dobra.....	29
Figura 29 - Vista da fachada do sobrado voltada para a Laguna dos Patos.....	33
Figura 30 - Quarto de hóspedes da Fazenda do Sobrado.....	33
Figura 31 -1: Aspecto das salas de jantar e estar. 2: Detalhe da parede em alvenaria de pedras e do nicho formado pelo fechamento de uma janela.....	34
Figura 32 -1: O ambiente da sala de jantar. Na imagem à direita. 2: O ambiente da sala de estar.....	35
Figura 33 -1: O gado criado na Fazenda do Sobrado. 2: Cavalos para a lida do campo e para os passeios dos hóspedes.	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1. ARQUITETURA LUSO – BRASILEIRA.....	03
1.1. Arquitetura luso-brasileira de caráter militar	04
1.2. Arquitetura L luso-brasileira de caráter religioso	06
1.3. Arquitetura L luso-brasileira de caráter civil.....	10
2. 2. O SOBRADO DE SÃO LOURENÇO.....	22
2.1. Breve histórico da colonização do Rio Grande do Sul e de São Lourenço do Sul.....	22
2.2. A história do sobrado	24
2.3. A estética luso-brasileira do sobrado.....	26
2.4. O sobrado como Patrimônio.....	30
2.5. O sobrado como Hotel Fazenda.....	32
CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA	38

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo o estudo do sobrado datado do final do século XVIII princípio do XIX, erguido como sede de fazenda e residência do casal José da Costa Santos e sua esposa Anna Joaquina Gonçalves, às margens do Arroio São Lourenço e da laguna dos Patos, na cidade gaúcha de São Lourenço do Sul. Atualmente, o casarão foi transformado em Hotel Fazenda, o que contribuiu para que a antiga construção permaneça em uso e atraia o turismo para a cidade e região.

Fundamentado em pesquisa bibliográfica e de campo, o texto monográfico discorre sobre a estética arquitetônica luso-brasileira, que se desenvolveu no Brasil durante o Período Colonial e, se manteve até o surgimento das características neoclássico-ecléticas, durante o século XIX. A Arquitetura Luso-Brasileira, de caráter militar, religioso e civil define o título e o conteúdo do Capítulo I.

No Capítulo II, intitulado O Sobrado de São Lourenço, é narrada à história da edificação e da família que habitou originalmente o antigo prédio, é também destacada a estética luso-brasileira da arquitetura do sobrado e os valores históricos e estéticos que fazem do edifício um bem imóvel do Patrimônio Cultural de São Lourenço do Sul. E, finalmente, é contada a iniciativa da família Wienck Serpa, atual proprietária do local, em transformar a fazenda e o sobrado em Hotel Fazenda.

Por um lado, as atividades da fazenda e a própria construção do sobrado revelam um modo tradicional da vida dos gaúchos, dos modos de fazer, criar e viver de um tempo passado. Sendo assim, eles constituem bens culturais da cidade e do estado do Rio Grande do Sul. A construção apresenta valor histórico, pois abrigou personalidades importantes da história gaúcha no século XIX, onde ocorreram decisões importantes da Revolução Farroupilha e da Guerra do Paraguai.

Por outro lado, a edificação exemplifica uma estética característica do período colonial, o estilo luso-brasileiro, que utilizou técnicas construtivas próprias da época e materiais da região. Portanto, soma-se ao valor histórico da localidade e do edifício, o valor estético do sobrado.

A pesquisa de campo, através de visitas ao local, possibilitou os registros fotográficos da edificação, externa e internamente; os depoimentos com os atuais proprietários da fazenda e do sobrado, que informaram sobre as reformas ocorridas

na edificação e no seu entorno, com o objetivo de adaptar o prédio e o território circundante a uma nova função.

1. ARQUITETURA LUSO – BRASILEIRA

Descoberto em 22 de abril de 1500 por Pedro Alvarez Cabral, o território brasileiro restou ainda ignorado pela coroa portuguesa por trinta anos. A postura inicial de Portugal era garantir o controle da rota Atlântica, como trajeto para chegar às Índias e permitir as trocas de mercadorias e as importações de especiarias aos países europeus. Mas, com o interesse de franceses e holandeses pelas terras descobertas, os quais não respeitaram os tratados firmados entre portugueses e espanhóis na posse do novo continente, os lusos iniciaram a colonização com a criação do sistema de Capitanias Hereditárias (KHAN, 1972).

Criadas por Dom João III, as Capitanias Hereditárias determinaram a forma de administração do território do Brasil Colônia, uma vez que a Coroa, com recursos limitados, delegou a tarefa de colonização e exploração das terras descobertas aos nobres portugueses. O sistema de Capitanias Hereditárias implicou na divisão de grandes lotes das terras da nova Colônia, em quinze faixas longitudinais de diferentes larguras, que se estendiam dos acidentes geográficos, no litoral, até o Meridiano das Tordesilhas. Estes lotes foram doados aos donatários, para que os mesmos explorassem com recursos próprios essas terras, encarregados de povoar, proteger e estabelecer o cultivo nas áreas recebidas. Entre as culturas desenvolvidas, destacou-se a cana-de-açúcar (KHAN, 1972).

Os donatários pertenciam à nobreza de Portugal, sendo sete deles membros de destaque nas campanhas da África e da Índia, quatro funcionários da corte e, um deles foi o capitão Martim Afonso de Sousa. Os donatários enfrentaram grandes problemas para a administração das terras recebidas. Quatro nunca vieram ao Brasil, três faleceram logo após chegarem às capitaniais recebidas, outros três retornaram para Portugal e, somente os nobres restantes se dedicaram à colonização. As capitaniais de São Vicente e Pernambuco foram as únicas cujos empreendimentos colonizatórios apresentaram bons resultados, graças aos investimentos na cultura da cana-de-açúcar. Por esse motivo, o sistema não se manteve. Dois fatores contribuíram para o mau resultado do sistema de Capitanias Hereditárias, a grande distância da Metrópole, que implicava na escassez de recursos e, os ataques de indígenas e de piratas.

Em 1549, o antigo sistema de Capitanias Hereditárias deu lugar ao regime de Governo Geral. O novo sistema pode ser definido “como o primeiro esboço do poder público no Brasil”. Os primeiros Governadores Gerais foram encarregados de tarefas administrativas e militares, por um prazo de três anos. Dentre estes, destacaram-se os governadores Tomé de Souza, que criou a primeira capital da Colônia brasileira, Salvador; Duarte da Costa e Mem de Sá. Foi durante esses governos que chegaram ao país os padres das ordens religiosas européias: os Jesuítas (1549), os Beneditinos (1581) e os Franciscanos (1584). Mais tarde, o regime de Governo Geral foi substituído pelo Vice-Reinado, mantido entre os anos de 1640 e 1718 (KHAN, 1972; VARNHAGEN, 1952).

É sobre a arquitetura luso-brasileira, peculiar ao período colonial, que discorreremos neste trabalho, no que se refere ao repertório que acompanhou a atividade pastoril e comercial até o século XIX, quando a arquitetura no Brasil adotou o estilo Neoclássico e o Eclético. A estética luso-brasileira seguiu os padrões da metrópole portuguesa e, no decorrer do seu desenvolvimento, adaptou-se ao novo meio e às condições locais das regiões do Brasil. Citam-se três tipos da arquitetura luso-brasileira no período colonial, segundo as funções das edificações. São estas: a militar, a civil e a religiosa.

1.1. Arquitetura luso-brasileira de caráter militar

A arquitetura militar desempenhou função estratégica no campo da defesa das terras e pelas posições fronteiriças da então Colônia de Portugal. Deu-se através de construções fortificadas erguidas na costa brasileira. Os engenheiros militares, em sua maioria de origem portuguesa, ergueram fortes e foram os responsáveis por planificações para povoamentos e vilas, como também pelos projetos de edifícios administrativos e até pelas construções religiosas.

As fortificações de cunho militar, situadas em pontos estratégicos para a defesa territorial, eram construídas com grandes muralhas (BARRETO, 1958). Inicialmente, as muralhas dos fortes eram feitas de paliçadas, constituídas por um conjunto de estacas de madeiras fincadas no sentido diagonal ao terreno, em duas fileiras, que no topo se cruzavam e formavam uma espécie de lanças duplas, servindo de obstáculo defensivo contra os inimigos. Com o tempo, as paliçadas foram substituídas por construções de alvenaria de pedra, cal e óleo de

baleia, numa estrutura bem mais fortificada. As muralhas se estruturaram em paredes largas, cujas partes superiores se constituiram em passadiços para as guaritas e artilharias, ao redor da fortificação. No interior destes fortins eram dispostos, junto às paredes das muralhas, as edificações de aposentos, salas de refeição, casas de armas e almoxarifados, capela e outros. Todas voltadas para o núcleo da fortificação, cuja parte central ficava como campo livre para a movimentação e as ações militares das tropas de soldados.



Figura 1: Na imagem à esquerda, 1: Forte São João, Bertioga, Baixada Santista, São Paulo. **Fonte:** BUENO, Eduardo. **Capitães do Brasil:** a saga dos primeiros colonizadores. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999. Na imagem à direita, 2: Forte de São Marcelo, Salvador, Bahia. **Fonte:** BUENO, Eduardo. **A Coroa, a Cruz e a Espada.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

Exemplo de arquitetura fortificada e significativa do período Colonial é o Forte de São João, erguido em Bertioga, na baixada Santista, datado de 1532. (Figura 1) Segundo GARRIDO (1940), foi a primeira fortaleza erguida no território nacional. Era inicialmente composta de uma paliçada de madeira, mais tarde foi reformada, quando ganhou a muralha de alvenaria e adquiriu sua configuração atual.

Outro exemplo é o forte de Nossa Senhora do Pópulo, em Salvador, conhecido como Forte do Mar, por ter sido construído sobre um banco de arrecifes dentro da água. É também chamado Forte de São Marcelo (OLIVEIRA, 2004). Sua estrutura é de cantaria de pedras e de arenito até a linha d'água e, o restante da construção se ergue em alvenaria de pedras irregulares, compondo uma estrutura circular formada pelas muralhas de pedra e integrada por uma construção interna também circular, dividida em várias salas destinadas aos serviços, aos dormitórios e refeitórios dos guardas, aos almoxarifados, aos depósitos de alimentos e de armas.

Com as mesmas características foram erguidas uma série de outras fortalezas em todo o litoral brasileiro, que foram edificadas, tanto nas margens, como dentro do mar. Aproveitaram arrecifes ou pequenas ilhas. Outras fortalezas foram erguidas em alguns pontos do interior do território. De acordo com Mário Mendonça de Oliveira (OLIVEIRA, 2004), essas fortificações normalmente tinham planta quadrangular ou poligonal, às vezes deformadas para se adaptarem à topografia existente. Tinham uma base chanfrada em pedra nua, muralhas de alvenaria de pedras irregulares, caiadas por cima, com guaritas intercaladas, com uma série de pequenas habitações no interior, despojadas de ornamentos. Contavam muitas vezes com uma capela. Ocionalmente, na entrada das fortalezas eram erguidos portais mais ou menos elaborados.

1.2. Arquitetura luso-brasileira de caráter religioso

A arquitetura religiosa do período colonial teve destaque entre as demais construções, devido as suas belas formas arquitetônicas, dos exteriores e dos interiores, sobretudo, com a introdução da estética barroca. A fé católica foi introduzida no Brasil pelas ordens religiosas, que se estabeleceram no território brasileiro durante o Governo Geral, como já foi pontuado. Com o objetivo de catequizar os índios e dar formação religiosa aos luso-brasileiros, os jesuítas, beneditinos e franciscanos desenvolveram atividades de conversão e ergueram igrejas e conventos.

No período Colonial, a fé cristã era obrigatória, não se aceitava outras formas de manifestação religiosa. Desta maneira, as populações negras trazidas como escravas foram obrigadas também a receber o batismo e a observar os preceitos católicos. O catolicismo, de tipo popular, veio com os próprios colonos lusitanos e se apresentava pela crença aos Santos, dos quais era esperada a proteção para superar e resolver as dificuldades e os problemas desta vida, como também obter a salvação eterna. Nas ruas e, dentro das casas, os oratórios, capelas e ermíndas tornaram-se os principais locais de fé e da devoção popular. Esta fé se expressava por meio de terços, ladinhas e benditos, bem como em procissões.

Os primeiros templos religiosos construídos no Brasil seguiam o estilo tardorenascentista ou maneirista português, conhecido como estilo de chão, expressão que se refere a um estilo arquitetônico marcado pela austeridade das formas.

(CARVALHO, 2000). Esta estética se caracterizou pelas fachadas compostas por figuras geométricas básicas, pelo frontispício quadrangular ou retangular encimado pelos frontões triangulares, com as janelas do coro próximas e, paredes marcadas pelo contraste entre as pedras de cantaria e as superfícies brancas, de caráter bidimensional. Podiam ter uma ou duas torres sineiras laterais. A decoração era escassa e circunscrita aos portais, ainda que os interiores fossem ricos em altares, pinturas e azulejos. Ao longo do século XVII, apareceram frontões adornados com volutas de caráter maneirista e barroco.



Figura 2: Na imagem à esquerda, 1: Igreja Nossa Senhora da Misericórdia, Porto Seguro, BA. Na imagem à direita, 2: Igreja Nossa Senhora da Graça de Olinda, PE. **Fonte:** COSTA, Lucio. **Arquitetura dos jesuítas no Brasil.** Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, SPAN, 1941.

Dentre as primeiras igrejas construídas no Brasil, destaca-se a Igreja Nossa Senhora da Misericórdia, erguida no ano de 1526, localizada em Porto Seguro, na Bahia. (Figura 2) Recebeu primeiramente o nome de Igreja Nossa Senhora dos Passos e, atualmente, transformou-se em museu de arte sacra. A edificação em estilo barroco primitivo apresenta em seu interior uma decoração simples e rústica. Conserva as paredes originais e abriga uma imagem barroca de Cristo crucificado. Guarda preciosidades, como a imagem de nosso Senhor dos Passos, datada de 1585, uma raridade talhada em madeira, com detalhes como: os olhos de vidro; dentes de marfim e gotas de sangue confeccionadas com rubis (SUSIN, 2008).

No século XVI, foram construídas igrejas e colégios missionários em diferentes regiões isoladas, para a conversão dos indígenas ao cristianismo. Muitos exemplos dessas construções religiosas dos primeiros tempos da colonização não sobreviveram a passagem do tempo, por serem construídas com materiais de

pouca durabilidade. Mas, podemos citar ainda, as igrejas de São Pedro da Aldeia, no Rio de Janeiro, e a de Nossa Senhora do Rosário, na localidade de Embu, em São Paulo. (Figura 3)



Figura 3: Na imagem à esquerda, 1: Igreja Jesuítica de São Pedro da Aldeia, RJ. Na imagem à direita, 2: Igreja Jesuítica Nossa Senhora do Rosário, Embu, SP. **Fonte:** Costa, Lucio. **Arquitetura dos jesuítas no Brasil.** Revista do Património Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: SPHAN, 1941.

Dentre os os mosteiros edificados pelas ordens religiosas, salientamos no Rio de Janeiro o Convento de São Bento. (Figura 4) O convento teve sua história iniciada no ano de 1590 , quando foi doado à ordem beneditina um amplo terreno situado no morro de São Bento (COARACY, 1972). A planta do edifício foi traçada em 1617, pelo engenheiro militar português Francisco Frias de Mesquita. As linhas arquitetônicas e sua estética maneirista são despojadas. A construção do edifício e das igrejas do Mosteiro de São Bento foi iniciada em 1633 e, finalizada por volta do ano de 1671. O projeto original sofreu alterações durante sua construção, de responsabilidade do arquiteto Frei Bernardo de São Bento Correia de Souza. Com as modificações propostas, a igreja passou a apresentar três naves, em vez da nave única projetada inicialmente.



Figura 4: Na imagem à esquerda, 1: Igreja de São Bento, Morro de São Bento, RJ. **Fonte:** FULVIUSBAS, Arquitetura colonial Portuguesa à volta do Mundo.<<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=7404249>>. Acesso: 2011 / 06. Na imagem à direita, 2: Catedral de São Pedro, Rio Grande, RS. **Fonte:** RAMOS,Paula. Arquitetura Colonial Portuguesa. Revista Aplauso. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=74042491>>. Acesso: 2011/06.

No Rio Grande do Sul, na cidade de Rio Grande, a Catedral de São Pedro é o templo mais antigo da região (RAMOS, 2010). A igreja substituiu a ermida precária que ficava junto ao Forte e Presídio de Jesus, Maria e José, erguido entre 1737 e 1740, a partir das orientações do brigadeiro José da Silva Paes. A fortaleza foi construída para dar retaguarda à investida militar portuguesa na colonização das terras do sul do Brasil, na criação do Forte de Colônia do Sacramento, às margens do rio da Prata, que hoje pertence ao território Uruguai.

A Igreja São Pedro traz como principais características formais o pragmatismo e a robustez, os quais ecoam nas demais construções sul-rio-grandenses do século XVIII e início do século XIX. A base de sua alvenaria está no uso da pedra e da cal. Como expressa Ramos (Op. cit. 2010. p. 110): “se a primeira dá corpo às fartas paredes, a segunda garante o branco luminoso da fachada, item que, em um primeiro momento, mais chama a atenção”. Na época, os sambaquis localizados nas regiões litorâneas forneciam a matéria-prima para a produção da cal, adotada na argamassa e na pintura externa das edificações.

A igreja foi edificada com austeridade e o rigor da arquitetura militar, de uma economia formal no que rege a fachada de uma única porta e janela, presentes no projeto de Manoel Vieira Leão (1727-1803), possivelmente o responsável pela obra

O projeto original foi preservado por décadas em Portugal e, em 1970 se perdeu em um incêndio. No projeto, além do desenho simples, eram observados detalhes importantes, como o acabamento das cornijas e pilastras, bem como a proposta da planta, levemente alteradas durante a construção.

Na fachada, uma única janela está localizada na altura do coro, encimado por um frontão triangular e ladeado por duas torres com cúpulas de quatro gomos curvos, trazendo pináculos no topo e ornamentos nos cantos. A torre do lado leste contém o sino, a do lado oeste traz um relógio fixado à parede, instalado em 1848. Hoje, o modelo em funcionamento é mais moderno.

1.3. Arquitetura luso-brasileira de caráter civil

A arquitetura civil do período colonial era erguida com diferentes técnicas construtivas. Como a técnica da taipa de pilão, sistema de construção de paredes feito com massa de barro socado, misturado a outros materiais que lhe davam mais plasticidade e resistência, como o cascalho, as fibras vegetais e o estrume animal (ÁVILA, 1980). A técnica consistia em comprimir a massa de terra através de formas de madeira, resultando em paredes maciças de barro. O taipal é a denominação dada às formas ou moldes que dão forma às paredes de taipa de pilão. (Figura 5)

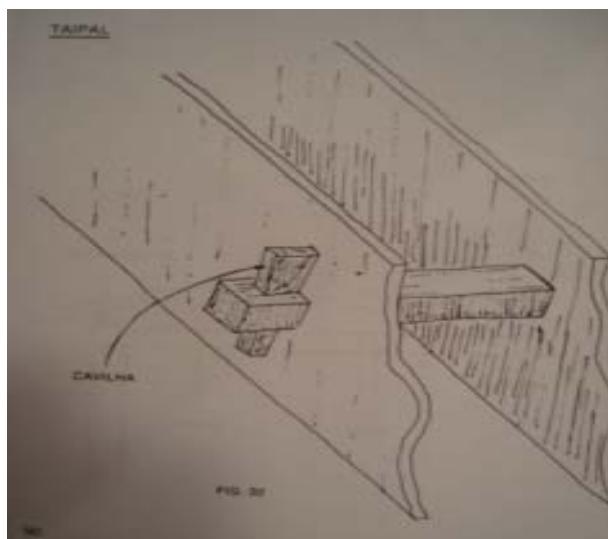


Figura 5 Na imagem: Taipa ou forma de madeira onde é prensado o barro. **Fonte:** Barroco Mineiro. Glossário de Arquitetura e ornamentação. ÁVILA, Affonso, MACHADO, João & MACHADO, Rinaldo. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

Além da taipa de pilão, pode-se citar ainda a taipa de mão, também chamada de pau a pique. (Figura 6) A técnica do pau a pique consiste na armação de uma estrutura de bambu ou de varas sarrafadas no sentido vertical e horizontal, que se apóiam em esteios ou colunas de sustentação, depois revestidas com barro e fibra de capim, como na massa para a taipa de pilão. (Figura 7)



Figura 6: Na imagem à esquerda, 1: Exemplo de casa de Taipa, MG. Na imagem à direita, 2: Casa de pau-a-pique, Serra Talhada, PE. COUTO, José Alberto Ventura & PINETTI, Cíntia Cristina Hirato. **Análise das Patologias de Técnicas Construtivas Patrimoniais no Estado do Mato Grosso do Sul.** Disponível em: <<http://www.propp.ufms.br/gestor/titan.php?target=openFile&fileId=526>> Acesso em: 2010/06.



Figura 7: Na imagem à esquerda, 1: Casa de pau-a-pique, Ipiaú, BA. Na imagem à direita, 2: Armação para montagem da edificação em pau-a-pique. **Fonte:** Olhares e Vivências Bioecológicas. Disponível em: <<http://canrobertalmeida.multiply.com/photos/album/28/28#photo=9>>. Acesso em: 2010/02.

Conforme Almeida (2007), depois de montada a trama inicial, a aparência é de uma gaiola, com vãos em quadriláteros. Após a amarração da trama, a terra previamente escolhida é transportada até um terreiro onde é preparada a massa de barro, cuja plasticidade deve ser maior do que a da massa utilizada na taipa de pilão, para poder ser manuseada. Os taiseiros se colocam em lados opostos da trama, com as mãos pegam uma quantidade de barro que, concomitantemente, é prensado energicamente contra a trama, de ambos os lados.

A evolução e a urbanização das diferentes regiões do país levaram à utilização do adobe, que eram tijolos feitos de barro secos ao sol, para as construções das paredes dos edifícios. Muitas vezes, as paredes de adobe recebiam esteios verticais, que auxiliavam no equilíbrio das superfícies murais. (Figura 8)



Figura 8: Na imagem à esquerda. 1: Casa dos Pilões, Jardim Botânico, Rio de Janeiro . Na imagem à direita, 2: Detalhes construtivos da arquitetura colonial em adobe. **Fonte:** Disponível em: <www.riodejaneiroaqui.com> Acesso em: 2011/03.

Inicialmente, os telhados das construções do Período Colonial eram feitos com ramagens de vegetações ou com palhas. Em seguida, o casario luso-brasileiro recebeu coberturas abauladas em uma, duas ou quatro águas, montadas sobre estruturas de madeira, as tesouras e caibros, e cobertas com telhas de cerâmica, de capa e canal e com beirais salientes. (Figuras 9 e 10) Os telhados podiam conter algumas ornamentações discretas, como uma suave curvatura e telhas em bico, nos cantos dos telhados. Os diferentes beirais protegiam as paredes das águas das chuvas. De acordo com os materiais e com as técnicas empregadas, os beirais¹ eram classificados: com sustentação em cachorros, apoiados em cornijas sobrepostas, arrematados em beira sob beira.

¹ **Beiral:** É a extremidade do telhado que ultrapassa o alinhamento das paredes da fachada, protegendo-as da insolação excessiva e da chuva.



Figura 9: Beiral saliente em sobrado luso-brasileiro, Diamantina, MG. **Fonte:** SMITH, Robert C. **Arquitetura civil do período colonial.** Revista do Patrimônio Histórico e Artístico e Nacional, Rio de Janeiro, 1969. p. 17.



Figura 10: Na imagem à esquerda, 1: Exemplo de beiral em beira sob beira e janela de arco abatido. Na imagem à direita, 2: Beiral apoiado em cornijas salientes, Paraty. **Fonte:** Disponível em: <http://www.paraty.tur.br/historia/arquitetura_colonial.php> Acesso em: 2010/05.

O beiral sobre cachorros é sustentado por travessas de madeira encravadas perpendicularmente às paredes. No beiral em beira sob beira as telhas, em balanço, são sobrepostas em duas ou mais fiadas que se encontram engastadas na alvenaria da edificação. (Figura 11) No beiral apoiado em cornijas sobrepostas, estas servem de ornamentação das cimalhas e se firmam no topo da parede.



Figura 11: Na imagem: Sobrado luso-brasileiro que apresenta beiral saliente em beira sob beira, São João Del Rei, MG. Posteriormente, a edificação recebeu calha metálica **Fonte:** O maior acervo de arquitetura colonial do Brasil. Disponível em:< <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=493115>> Acesso em: 2010/07.

Os chãos das construções civis eram de terra batida, mais tarde foram forrados com tijolos ou com assoalhos de tábuas corridas. As moradias mais nobres poderiam possuir um segundo pavimento ou até quatro pisos, sendo denominadas como sobradinhos. Nos sobradinhos coloniais, as paredes das construções eram edificadas em taipa ou em alvenaria de tijolos de adobe, revestidas com argamassa de barro e também pintadas com cal, (Figura 12.1). Muitas das cantarias² empregadas limitavam-se aos cunhais³ dos sobradinhos, como na Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto, que hoje abriga o Museu da Inconfidência. (Figura 12.2) Normalmente, os sobradinhos possuíam uma sóbria e elegante aparência, com suas fachadas regulares, nos quais predominam os cheios sobre os vazios.

² **Cantaria:** São pedras cortadas para os cantos das edificações.

³ **Cunhais:** São os vértices da edificação.



Figura 12: Na imagem à esquerda, 1: Sobrados em Ouro Preto, MG. Na imagem à direita, 2: Cantarias empregadas aos cunhais da residência da Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto, que hoje abriga o Museu da Inconfidência. **Fonte:** O maior acervo de arquitetura colonial do Brasil. Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=493115>. Acesso em: 2011/05.

Os vãos das janelas eram limitados por peitoris, ombreiras e vergas retas ou em arco abatido de madeira (MASCARELLO, 1982). Em alguns casos, nas casas mais ricas, os marcos das aberturas eram feitos de pedra de cantaria. As soleiras, as ombreiras e as vergas das portas eram feitas com os mesmos materiais. A verga é uma viga de fechamento superior dos vãos, que se apóia nas ombreiras. As ombreiras são os lados do quadro das aberturas e determinam a altura destas, se encaixam no peitoril das janelas. O peitoril é a base horizontal do fechamento inferior dos vãos das janelas. Nas portas, o peitoril é substituído pela soleira, que é a parte inferior do vão.

Inicialmente, as janelas não possuíam vidros, cujos postigos podiam ser de tábuas ou de treliças de madeira. Os variados funcionamentos das janelas são definidos por três diferentes sistemas. No sistema de gelosia, as folhas das janelas se abrem para a parte interna da edificação, apoiadas num eixo vertical preso às ombreiras. As janelas de rótula se abriam para a parte externa das paredes, apoiadas em um eixo horizontal fixado às vergas. As janelas de guilhotina são aquelas que se movem no sentido vertical e estão fixadas em trilhos incrustados nas ombreiras (GYMPEL, 2000). Os caixilhos das janelas de guilhotina eram preenchidos com pequenos vidros.

Antes das importações do vidro utilizado nas janelas das casas luso-brasileiras, os vãos das aberturas eram fechados pelos sistemas de escuros, que eram postigos de madeira. Também poderiam ser vedados por treliças, estruturas constituídas de pequenas fasquias de madeira cruzadas. Existiam também os

balcões totalmente vedados por treliças, influenciados pelo muxarabi, elemento de origem árabe ricamente trabalhado.

Nas residências de dois pisos, geralmente o pavimento térreo era designado para comércio ou para depósito, para os quartos dos escravos ou para as cocheiras. O andar térreo era quase sempre de chão batido. O pavimento superior era assoalhado e se destinava aos ambientes e quartos da família do proprietário do sobrado. (Figura 13)



Figura 13: Na imagem à esquerda, 1: Arquitetura Luso-Brasileira. Na imagem a direira 2 Edificações assobradadas do período Colonial. M.G.: **Fonte:** SMITH, Robert C. **Arquitetura Civil do Período colonial**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 1969. v.5, n.17. Na imagem à direita, 2: Edificações assobradadas do período Colonial. **Fonte:** O maior acervo de arquitetura colonial do Brasil. Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=493115>. Acesso em: 2011/06.

No térreo, muitos dos sobrados possuíam um corredor que levava da frente ao quintal, nos fundos. (SMITH, 1969). Na entrada deste corredor, uma escadaria dava acesso para o piso superior. O andar superior era destinado como moradia, suas divisões definiam uma sala de boas proporções, com abertura para a entrada principal, e outra, que se conectava com um corredor lateral que levava à área de viver e à cozinha do imóvel. Este corredor lateral dispunha de portas para os quartos, na maioria das vezes, sem aberturas para a rua, as chamadas alcovas.

Nos centros urbanos do sul do Brasil, geralmente as residências térreas luso-brasileiras seguiram um padrão de planta açoriana, que originou as denominações de casa de porta e janela, casa de meia morada e casa de morada inteira (SANTOS, 2002. p. 40). Nas casas de porta e janela (Figura 14), construídas em lotes de pouca largura, a porta de entrada dava acesso a uma sala de visitas. Para se chegar à cozinha ou à sala de viver, nos fundos da construção, o visitante era obrigado a passar por dentro de todos os ambientes, conectados em seqüência na edificação. Nas casas de meia morada, a porta de entrada das residências dava acesso à sala de visitas, seguia-se a esta sala um corredor lateral que se ligava à sala de viver,

nos fundos da moradia. Para este corredor lateral se abriam as portas dos quartos e das alcovas. Nas casas de morada inteira, erguidas em lotes de maior largura, a porta de entrada dava acesso à sala de visitas, que se ligava à sala de viver por meio de um corredor central, para onde se voltavam às portas dos aposentos e das alcovas.



Figura 14: Na imagem: Casas de porta e janela luso-brasileiras. **Fonte:** Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=397751>> Acesso em: 2011/06.

A arquitetura luso-brasileira da zona da campanha gaúcha seguiu os mesmos padrões vigentes em outras regiões brasileiras, caracterizados nas páginas anteriores. Os antigos sobrados, de arquitetura fortificada e austera, revelaram a busca pela segurança dos habitantes da região, que respondeu aos atritos de políticos e de guerreiros pela posse do território da fronteira meridional do Brasil.

As chamadas fazendas (propriedades rurais) do hemisfério sul do Brasil surgiram a partir da existência de pastagens, povoadas por rebanhos de “gado xucro” remanescente dos empreendimentos dos jesuítas. Em pesquisa de estudo sobre a estrutura agrária e ocupacional do Rio Grande do Sul, no primeiro século de existência, a historiadora Helen Osório (2006) afirmou que a palavra “estância” não designava grandes propriedades nem era sinônimo de grandes rebanhos. “O vocábulo, originário do espanhol platino, significava apenas as unidades produtivas em que se criava gado, sem nenhuma conotação de tamanho”. Sua afirmativa tem base nos documentos pesquisados, onde encontrou com essa designação “propriedades de diversas quantidades de cabeças de gado” (OSÓRIO, 2006).

As características formais da arquitetura das fazendas ou estâncias gaúchas se firmaram no pragmatismo e na robustez peculiares ao período colonial, com construções de linhas simples onde predominam os cheios sobre os vazados, com características fortificadas que responderam à defesa do território, marcado por lutas que se sucederam na região, fossem estas pelas posses das terras entre espanhóis e portugueses, a Guerra Guaranítica (1754-1756), a Revolução Farroupilha (1835-1845) ou a Guerra do Paraguai (1865-1870). (Figura 15)



Figura 15: Na imagem: Construção do estilo luso-brasileiro. **Fonte:** LUCCAS, Luís Henrique Haas. **Estâncias e Fazendas:** arquitetura da pecuária no Rio Grande. Disponível em: <<http://www.arquitetura.eesc.usp.br/sspa/arquivos/pdfs/papers/01503.pdf>> Acesso em: 2010/06.

A construção arquitetônica gaúcha, segundo depoimentos de viajantes como Luccock (1809), descrevem a arquitetura primitiva das sedes iniciais como fruto da carência de mão de obra qualificada e, de manufaturados como tijolos, telhas, ferragens e esquadrias. Algumas passagens atentam para o fato, merecendo transcrição:

[...] uma descrição da casa dele pode bem servir de retrato das habitações dos estancieiros de condição inferior, não só desta província, como de toda a região que se estende desde o rio Paraná até o oceano. Era feita de um arcabouço de madeira, a que se prendiam barrotes por meio de cavilhas ou vergônteas de uma planta aqui chamada cipó. O teto é feito de capim longo e grosso, o piso de terra batida e os aposentos não possuem lareiras. (LUCCOCK, 1975, p. 130).

Nas construções gaúchas mais elaboradas, o processo construtivo com a utilização de pedras irregulares e, mais tarde com tijolos, permitiu a execução de

paredes robustas. Aliado ao avanço da produção de componentes, como as esquadrias, propiciou casas com vãos mais próximos e maiores, que se manifestaram a partir da segunda metade dos oitocentos. A conhecida sequência de fachadas desenhadas por Lucio Costa, demonstra essa trajetória evolutiva da arquitetura brasileira e rio-grandense durante o século XIX. (Figura 16)



Figura 16: Evolução da casa brasileira segundo Lúcio Costa. **Fonte:** COSTA, Lucio. *Sobre Arquitetura*.Porto Alegre. CEUA, 1962

As casas das fazendas gaúchas sofreram influências das construções luso-brasileiras e outras originadas da fronteira cisplatina e da Europa, no emprego de elementos industrializados na construção, como o de elementos decorativos: pinhas, as coberturas com telhas de capa e canal, as beiras sob beiras. O viajante francês Avé-Lallemant registrou: “Só franceses existem mais de cem no lugar, entre eles gente de muito boa educação e de irrepreensível conduta. Em Uruguaiana quase não se reconhece uma cidade brasileira, mas uma hispano-francesa, que parece apoiar-se, em suas relações de vida e de comércio, mais em Buenos Aires e Montevidéu do que em Porto Alegre e Rio Grande” (AVÉ-LALLEMANT, 1980).

A tipologia de planta predominante nas casas rurais utilizou o arranjo da chamada morada inteira dos centros urbanos coloniais, na qual a circulação central se fazia através de um corredor, para onde se abriam as portas dos quartos e das alcovas. Este corredor conduzia o visitante desde a entrada até uma sala posterior geralmente ampla, a sala de viver. Paulo Thedim Barreto (1957) estudou pioneiramente este padrão em seu ensaio “O Piauí e sua Arquitetura”, publicado pela Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A disposição desta planta permitia uma privacidade satisfatória aos dormitórios. (Figura 17)

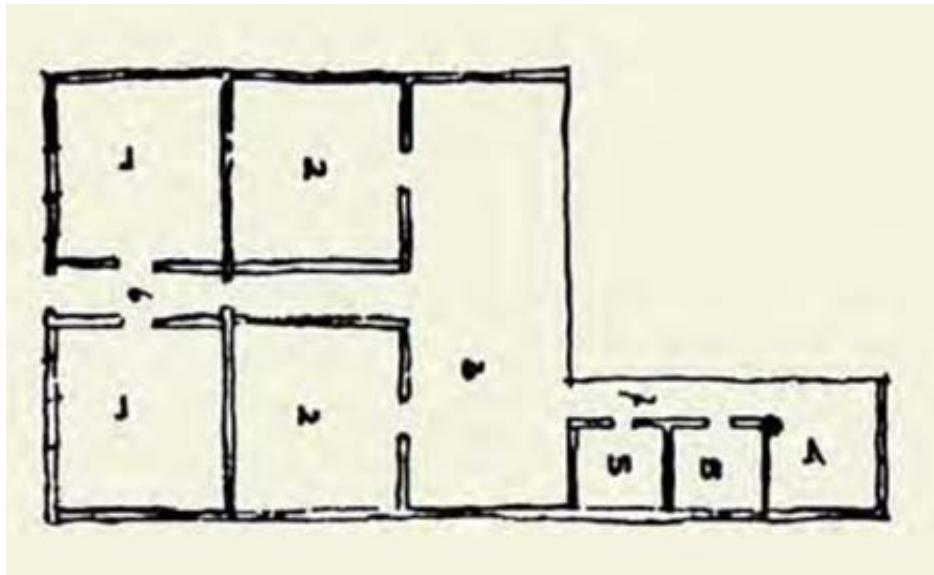


Figura 17: Na imagem: Planta baixa de morada inteira. **Fonte:** BARRETO, Paulo Thedim. **O Piauí e sua arquitetura.** Revista do IPHAN: Rio de Janeiro, 1957.

Outra tipologia é a que não possui este tipo de circulação especial, na qual a distribuição ocorre diretamente através dos compartimentos, com ambientes dispostos sequencialmente, em forma de fita e, a circulação se dá através dos mesmos, como nas casas urbanas de porta e janela. (Figura 18)

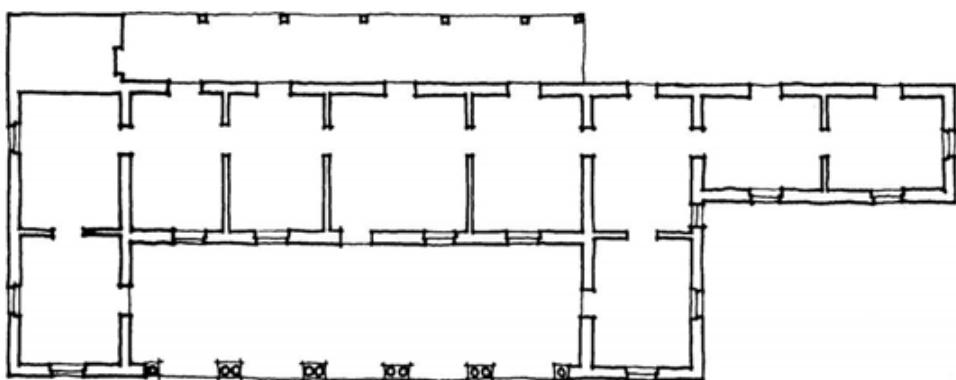


Figura 18: Na imagem: Planta baixa com circulação através dos aposentos. **Fonte:** LUCCAS, Luís Henrique Haas. **Estâncias e Fazendas:** arquitetura da pecuária no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFRGS, 1997.

Através da experimentação lenta e segura, as sucessivas gerações de casas construídas nos campos gaúchos perseguiram um ideal de conforto no sentido mais abrangente. Buscavam qualidade construtiva adequada aos recursos disponíveis e ao clima, enfatizando a durabilidade e o conforto ambiental, através da consideração

de aspectos como: a ventilação, a temperatura, a luminosidade e a funcionalidade. Vale lembrar que a experimentação prática incluía a apropriação de materiais locais e métodos construtivos compatíveis, dentro da combinação de um repertório restrito de elementos de arquitetura. (Figura 19)



Figura 19: Na imagem: Sede de Fazenda, Pelotas **Fonte:** LUCCAS, Luís Henrique Haas. **Estâncias e Fazendas:** Arquitetura da pecuária no Rio Grande do Sul. Dissertação. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 1997.

2. O SOBRADO DE SÃO LOURENÇO

2.1. Breve histórico da colonização do Rio Grande do Sul e de São Lourenço do Sul

A colonização luso-brasileira no Rio Grande do Sul recebeu uma defasagem de dois séculos com relação ao restante do território brasileiro, pela sua posição distante da capital Salvador e o litígio das fronteiras entre os dois reinos Ibéricos. A costa rio-grandense, arenosa e sem enseadas, dificultava o atracamento dos navios a vela e, contribuiu para este atraso colonizatório (PESAVENTO, 1990). As primeiras investidas para a colonização do sul do Brasil foram as Missões jesuíticas fundadas no noroeste do atual território gaúcho, iniciadas a partir de 1627, cuja economia se baseava na plantação da erva-mate e na criação de gado bovino e muar, introduzido na região pelos padres (SANTOS, 2007, p. 51). Como já citado, no ano de 1680 os portugueses criaram a Colônia do Sacramento às margens do rio da Prata, o assentamento mais meridional fundado pelos lusos, hoje cidade Uruguaia. Esse fato contribuiu para as rivalidades entre as duas coroas ibéricas pela posse de terras no sul do Brasil, que foram resolvidas através de tratados políticos ou pela luta armada. Espanhóis e portugueses passaram a doar sesmarias aos seus súditos, com o interesse em se apropriar das terras fronteiriças.

Para dar retaguarda à Colônia do Sacramento, em 1737 foi criado o forte e presídio de Jesus, Maria e José, que decorreu na criação do povoado e da Vila de Rio Grande, a cidade mais antiga do Rio Grande do Sul. Por motivos políticos, os jesuítas foram expulsos da região em 1759 (SANTOS Op. Cit.). Restou na área o gado bovino, que se multiplicou e desenvolveu de maneira selvagem e se constituiu na maior riqueza das terras da fronteira meridional. O “gado xucro” despertou o interesse de lusos e espanhóis. Primeiramente foi caçado e levado para ser vendido em São Paulo, como alimentação para as populações das vilas que se formavam no interior ou na região das minas, em Minas Gerais. Rapidamente, os primeiros sesmeiros soldados, que receberam terras como pagamento nas lutas em que se envolveram, juntaram o gado bravio em estâncias de criação. De capitães de tropas de soldados se tornaram fazendeiros e proprietários desses animais. Constituíram-se então os latifúndios agro-pecuários e a base da economia gaúcha.

Com a prioridade dada pelos governantes daquela época ao que lhes trazia lucro, como o necessário abastecimento das minas de ouro e diamantes,

descobertas em Minas Gerais no final do século XVII, foi criado o estímulo necessário para a exploração econômica dos rebanhos de gado solto em território gaúcho, abastecendo a alimentação das populações mineiras e paulistas, como também a tração animal para o transporte de cargas, feito sobre o lombo de mulas. (BORGES FORTES, 1940).

A população do território do Rio Grande do Sul desenvolveu atividades e costumes diferentes do restante do país, resultando em uma cultura rica de influências advindas da fronteira cisplatina, como também de um repertório oriundo dos vários imigrantes europeus. Com todos estes complementos distintos, não ocorreu uma fragmentação, em vez disso, essas peculiaridades complementaram-se de tal forma, que ocorreu uma unicidade que suplantou qualquer divisão. Suas raízes se solidificaram pelos fatores de sua formação étnica e também em relação ao clima para pastoreio nas fazendas criadas.

José Antônio de Oliveira Guimarães, nascido na cidade de Rio Grande e proprietário de uma casa senhorial na margem esquerda do rio São Lourenço, juntamente com o imigrante alemão Jacob Rheingantz, ávido comerciante nascido na Renânia (Alemanha), foram os responsáveis pela instalação de uma área de colonização de imigrantes na localidade, que originou a atual cidade de São Lourenço do Sul. Após constatarem a navegabilidade do rio e da laguna dos Patos até o porto de Rio Grande, que favoreceria a futura colônia de imigrantes, Rheingantz viajou ao Rio de Janeiro onde assinou contrato com o governo para a aquisição de terras para fins de colonização. (Figura 20)

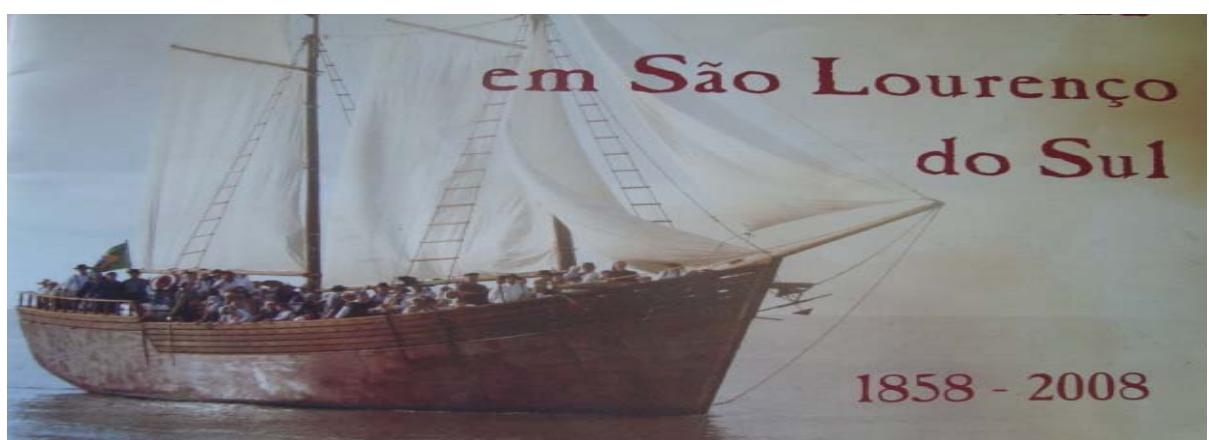


Figura 20: Barcaça de Imigrantes. **Fonte:** Acervo da Biblioteca Municipal de São Lourenço, 2008/06.

O contrato previa a compra de oito léguas de sesmarias de terra devolutas na Serra dos Tapes, Jacob Rheingantz comprometeu-se de realizar a medição da área no período de cinco anos. Também se responsabilizou por povoá-la com imigrantes belgas, suíços ou alemães, que não poderiam ser inferiores a 440 pessoas, para assim obter o auxílio do governo no translado dos colonos. O contrato foi lavrado na cidade de Rio Grande, no dia 15 de março de 1857. A primeira leva de imigrantes chegou à localidade em 1858. O grupo era formado por colonos alemães (150 anos da imigração lourençiana).

2.2. A história do sobrado

Os primeiros proprietários do casarão foi o casal José da Costa Santos e sua esposa Anna Joaquina Gonçalves, apelidada de Donana, que era irmã de Bento Gonçalves, vulto histórico da Revolução Farroupilha. José da Costa Santos era natural do Rio de Janeiro, mas residia em Rio Grande. O casal teve três filhos. Com a morte de José da Costa Santos, a filha mais moça, nomeada como Perpétua, se instalou com o marido Antônio Francisco dos Santos Abreu no sobrado. Por esse motivo, o edifício ficou conhecido pela população da cidade como “o Solar dos Abreu”.

Durante a Revolução Farroupilha, o antigo sobrado pertencente a José da Costa Santos e Donana, serviu de Quartel General de Bento Gonçalves e seus comandantes. Ali aconteceram reuniões dos chefes das tropas revolucionárias, que liberaram sobre os rumos da guerra. Foi também na fazenda do sobrado que o mercenário italiano Giuseppe Garibaldi construiu seus navios, junto às margens do arroio São Lourenço, com o fim de atacar a Vila de Laguna, em Santa Catarina.

Outro frequentador do antigo casarão foi Inácio José de Oliveira Guimarães (Figura 21), que na época era casado com Tereza, irmã de Donana. Este outro vulto farroupilha foi o primeiro deputado da Assembléia dos Constituintes dos Farrapos, redigida em Alegrete, no ano de 1842. Participou ativamente da revolução e foi também o primeiro deputado de São Lourenço do Sul. Depois de casar-se com Tereza, foi morar na margem esquerda do arroio São Lourenço, onde já existia povoado incipiente que originou a atual cidade de São Lourenço, às margens do arroio homônimo e da Laguna dos Patos.

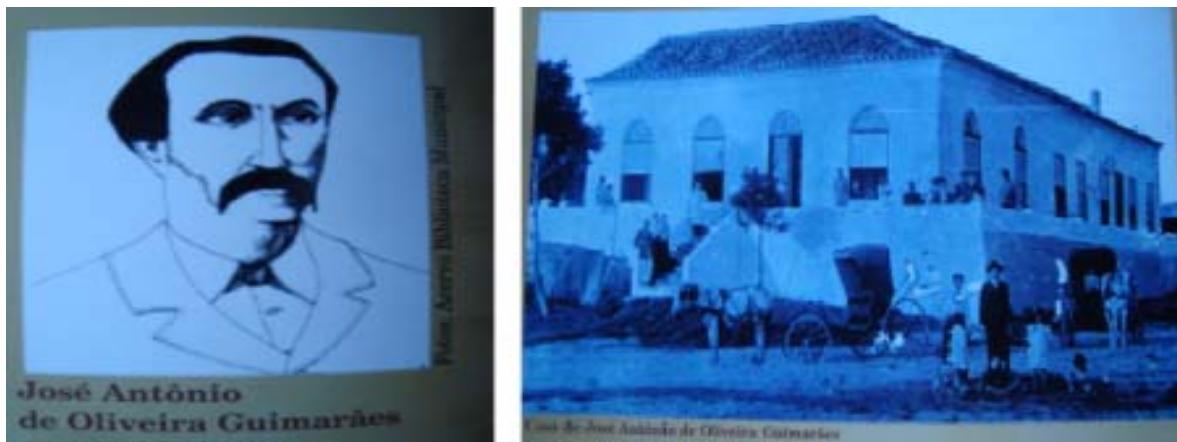


Figura 21: Na imagem à esquerda 1: José Antônio de Oliveira Guimarães. **Fonte:** Acervo da Biblioteca Municipal de São Lourenço, 2008. Na imagem à direita 2: A casa assobradada de José Antônio de Oliveira Guimarães.

José de Oliveira Guimarães (Figura 22) fundou juntamente com o alemão imigrante Jacob Rheingantz, a colônia de São Lourenço, que deu impulso ao crescimento do povoado e deu origem a cidade de São Lourenço do Sul.



Figura 22: Na imagem à esquerda, 1: Jacob Rheingantz. Na imagem à direita, 2: Encenação da Chegada dos imigrantes alemães. **Fonte:** Acervo da Biblioteca Municipal de São Lourenço, 2008.

Na guerra do Paraguai, os habitantes do sobrado contribuíram e atenderam o chamado do Império, através dos filhos desta casa que se envolveram nas lutas deflagradas durante a campanha militar, como Joaquim Francisco de Abreu, o Almirante Santos Abreu, e seu irmão mais velho Antônio Francisco do Santos Abreu, que recebeu o título de Barão dos Santos Abreu. Os dois vultos históricos deram nome às ruas de São Lourenço do Sul.

O sobrado é parte integrante e marco da Estância de São Lourenço, localidade de extremo significado para a história da cidade, como do Rio Grande do Sul. Conta-se que a Princesa Isabel, em suas viagens pelo Sul do país, hospedou-se com o Conde D'Eu e seus acompanhantes na Fazenda do Sobrado. Quando do falecimento de José da Costa Santos, Dom Pedro I expediu documento concedendo a Donana a condição de inventariante das posses do marido, como também tutora de suas filhas, entre elas Perpétua, que herdou a localidade.

2.3. A estética luso-brasileira do sobrado

O município de São Lourenço do Sul fica às margens da Laguna dos Patos e do Arroio São Lourenço, este atravessa hoje a cidade com seus contornos sinuosos no transcorrer do percurso. (Figura 23) A Fazenda São Lourenço era conhecida desde os finais do século XVIII pelos navegantes da Laguna dos Patos, pois o sobrado servia como referência para estes navegadores. No percurso da Laguna dos Patos, entre Pelotas e Porto Alegre, não existia às margens da laguna nenhuma construção de tamanho porte.



Figura 23: Vista do Arroio São Lourenço. **Fonte:** Acervo Biblioteca Municipal de São Lourenço do Sul. s/d.

A Fazenda do Sobrado está situada às margens do arroio São Lourenço, na cidade de São Lourenço do Sul. É um marco determinante no contexto histórico da localidade, como também para o resto do país, no que tange ao Patrimônio Cultural. Construída pelas mãos dos escravos, em meados dos anos de 1790 e 1800, a

edificação foi erguida em estilo colonial português ou luso-brasileiro. Originou a formação da antiga vila, hoje cidade de São Lourenço do Sul. Foi a primeira residência imponente construída no núcleo urbano, e também se destaca como um dos primeiros sobrados do Rio Grande do Sul. (Figura 24)



Figura 24: Na imagem: O sobrado da Fazenda São Lourenço. **Fonte:** Foto da autora, 2010.

A fachada principal do sobrado está voltada para a Laguna dos Patos, de onde se divisa a navegação e também se visualiza todo o seu entorno. O terreno da fazenda onde foi construído o sobrado possui uma pequena elevação e, para a sua edificação, teve de ser nivelado. A nivelação do terreno se constituiu numa espécie de adro frente à fachada principal, como um terraço fronteiro à edificação. O sobrado apresenta dois pavimentos, tendo uma sóbria fachada de linhas simétricas, na qual se divisam uma porta central e quatro janelas, dispostas em pares a cada lado da porta, no pavimento térreo. No andar superior, cinco janelas compõem a simetria da fachada. Todas as aberturas do frontispício principal possuem arco abatido e, as janelas são do sistema de guilhotina, com caixilhos preenchidos com pequenos vidros. O telhado, ligeiramente abaulado, apresenta beirais salientes e utilizou telhas cerâmicas em capa e canal. (Figura 25)



Figura 25: Na imagem à esquerda, 1: cobertura em quatro trêas águas do telhado, com beiral em beira sob beira. Na imagem à direita, 2: Telhas de capa e canal. **Fonte:** Fotos da autora, 2011.

As telhas originais do sobrado foram confeccionadas manualmente e na própria região, provavelmente por escravos da fazenda, executadas em barro proveniente dos arredores da construção, de tonalidade avermelhada, de consistência maleável e boa aglutinação no seu preparo e secagem. As paredes, sem ornamentos, são caiadas. Os marcos dos vãos, a porta de duas folhas, as estruturas das janelas e os escuros são de madeira, pintados num ocre avermelhado. O primeiro módulo da construção é quadrangular e, se encaixa num outro adjacente e retangular, definindo a planta em “L” do edifício. (Figura 26)



Figura 26: Na imagem: Os dois módulos do sobrado. **Fonte:** Foto de 2010, cedida pelo fotógrafo Gilnei Tavares.

Na construção foram utilizados materiais originais da região, manufaturados no próprio local, como: o madeiramento para execução das aberturas, para o

assalto do piso superior, para o forro disposto no sistema tipo “mata junto”, com ornamentações de molduras junto às cimalhas das paredes, para a madeira de lei usada nas vigas e nas tesouras de sustentação da cobertura.



Figura 27: Na imagem à esquerda, 1: As pestanas sobre os arcos abatidos das vergas da porta do pavimento térreo. Na imagem à direita, 2: As pestanas das as janelas do pavimento térreo. **Fonte:** Fotos da autora, 2011.

No pavimento térreo, as portas e janelas possuem pestanas salientes, que são frisos sobre as aberturas para proteção da chuva, prolongadas sobre as paredes e acompanhando a curvatura do desenho em arco abatido das vergas. (Figura 27) Já no segundo piso, todas as aberturas são emolduradas. As vergas e batentes das janelas são de madeira de lei bruta, onde se encaixam as janelas de guilhotina com caixilhos de vidro, os escuros internos possuem duas folhas. (Figura 28)



Figura 28: Na imagem à esquerda, 1: As janelas de guilhotina e os escuros de duas folhas das aberturas do sobrado. Na imagem à direita, 2: As folhas dos escuros com dobras. **Fonte:** Fotos da autora, 2010.

2.4. O sobrado como Patrimônio

A terminologia Patrimônio se aplica aos bens que resultaram como herança para um indivíduo ou para uma coletividade, sejam estes bens materiais ou imateriais. O que determina o conceito e a abrangência do termo Patrimônio é a relevância que este tem para as pessoas de uma determinada localidade, que reconhecem essa herança material ou imaterial como representativa de seu passado, ou da memória coletiva da comunidade ou de um grupo social, tanto por seu valor histórico ou estético. Os bens materiais são aqueles palpáveis e visíveis. Os bens imateriais dizem respeito aos fazeres e saberes, geralmente transmitidos de forma oral, como: as lendas, as cantigas e os mitos de uma cultura, as receitas de culinária, das quais são exemplos os doces de Pelotas.

Os bens materiais são subdivididos em móveis e imóveis. Os bens móveis são todos aqueles que podem ser deslocados para diferentes lugares ou acervos. Como exemplo: as obras de arte (esculturas ou pinturas), os documentos (cartas, fotografias antigas, registros de compra e venda de terrenos e prédios), livros raros e objetos significativos de uma determinada época. Os bens imóveis são todos aqueles que, em princípio, não podem ser deslocados. Como exemplo: os túmulos, um terreiro de candomblé e a arquitetura, como o objeto de estudo desta pesquisa, o “sobrado” edificado na cidade de São Lourenço do Sul.

(Segundo Magdan (1987, p. 36) “los Edificios Históricos forman parte importante del Patrimonio Cultural al que definimos como el conjunto del elementos materiales e imateriales. Genericamente denominados Bienes Culturales y que constituyen el legado de nuestros antepassados”. Para Françoise Choay:

No que se refere à legislação e preservação do Patrimônio Cultural Edificado, no começo limitava-se aos edifícios individuais denominados Monumentos Históricos, hoje já comporta conjuntos urbanos, sítios históricos, quarteirões, bairros, cidades inteiras são tombadas, como podemos ver na lista do Patrimônio da Humanidade estabelecido pela UNESCO (2001. p. 114).

A preservação dos bens culturais brasileiros tem crescido nos últimos anos, assim como o seu conceito vêm sendo ampliado (MAGALHÃES, 1985). O teórico modernista Mário de Andrade foi o mentor do anteprojeto de lei de 1936, que decorreu na criação e no funcionamento do Serviço de Patrimônio Histórico e

Artístico Nacional (SPHAN), fundado em 1937 e que funcionou junto ao Ministério da Educação e Saúde (SANTOS 2003). Nas suas Cartas de Trabalho, Mário de Andrade registrou como Patrimônio Artístico Nacional do Brasil “todas as obras de arte pura ou de arte aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, pertencentes aos poderes públicos, a organismos sociais e a particulares nacionais, a particulares estrangeiros, residentes no Brasil”.

Na constituição do Brasil do ano de 1988, o artigo 216 define que, constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nas quais incluem: as formas de expressão; os modos de fazer, criar e viver; as criações artísticas, científicas e tecnológicas; as obras, objetos, monumentos, naturais e paisagens, documentos, edificações e demais espaços públicos e privados destinados às manifestações políticas, artísticas e culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, científico e ecológico.

O Patrimônio Cultural Edificado, segundo Meira (2004), é constituído pelas obras de arquitetura e pelos conjuntos edificados, testemunhos das técnicas e dos materiais empregados em uma determinada região ou dos modos de construir de um local e de uma determinada época, da forma de fazer e de viver, produzidos ao longo da história. Segundo Françoise Choay (2001), o patrimônio cultural edificado destaca-se como categoria exemplar representada pelas edificações, por possuir uma relação direta com os cidadãos.

O conceito de Patrimônio edificado está ligado às construções antigas, exemplos de materiais e de técnicas construtivas e ideais estéticos de gerações passadas que, de forma global, recebem o nome genérico de Patrimônio Histórico e, devem ser conservados para que as gerações presentes e futuras possam ter a fruição dessas peculiaridades. “Devemos então, de qualquer maneira, garantir a compreensão de nossa memória social, preservando o que for significativo dentro do nosso vasto repertório de elementos componentes do Patrimônio Cultural. Essa é a justificativa do por que preservar” (LEMOS 1981). Assim, toda a obra com significado estético e peculiar a uma determinada época, ou representativa de fatos importantes da história de uma comunidade, mesmo que alterada nas suas funções originais, deve ser conservada ou restaurada, contribuindo para manter viva a memória de

uma localidade, de uma região ou de um país. Essa é a razão que nos motivou estudar o sobrado de São Lourenço do Sul, que com certeza faz parte do Patrimônio Cultural da cidade, resgatando a história da edificação e ressaltando o valor estético da sua construção.

Por um lado, as atividades da fazenda e a própria construção do sobrado revelam um modo tradicional da vida dos gaúchos, dos modos de fazer, criar e viver de um tempo passado. Sendo assim, eles constituem bens culturais da cidade e do estado do Rio Grande do Sul. A construção não só serviu de moradia aos vultos da história gaúcha no século XIX. Mas, também foi palco de acontecimentos, decisões e estratégias de luta, tanto na Revolução Farroupilha como na Guerra do Paraguai. Ou seja, é um bem que também apresenta valor histórico. Por outro lado, a edificação exemplifica uma estética característica do período colonial, o estilo luso-brasileiro, que utilizou técnicas construtivas próprias da época e materiais da região. Portanto, soma-se ao valor histórico da localidade e do edifício, o valor estético do sobrado.

Se a comunidade de São Lourenço denominou o velho prédio como “Solar dos Abreu”, note-se que esta denominação está impregnada pelo respeito e pelo reconhecimento da comunidade pela importância deste lugar, pela imponência desta arquitetura, o “solar”. E, por isso mesmo, este exemplar se inclui como um dos monumentos patrimoniais de São Lourenço do Sul.

2.5. O sobrado como Hotel Fazenda

Após a época áurea do sobrado e da família dos proprietários, a fazenda e o “solar dos Abreu” estiveram por muitos anos abandonados e em péssimo estado de conservação, o edifício se mantinha quase arruinado. (Figura 29) No ano de 1961, Solismar Serpa adquiriu estes bens através de compra efetuada ao Dr. Ariano Carvalho, herdeiro dos Abreu. Após uma reforma efetuada no imóvel, que manteve as linhas tradicionais da edificação, o novo proprietário passou a residir no antigo prédio com sua família. Com o falecimento de Solismar Serpa no ano de 1987, a viúva Ivany Wienck Serpa e seus filhos continuaram a morar no sobrado, mas transformaram a propriedade em Hotel Fazenda, inaugurado em 1994.



Figura 29: Na imagem: Vista da fachada do sobrado voltada para a Laguna dos Patos. **Fonte:** Foto pertencente à família Serpa, s/d.

Os espaços da fazenda e do sobrado foram adequados ao novo empreendimento, tanto no que se refere ao meio de trabalho e de produção, quanto à utilização dos ambientes interiores da construção. O espaço íntimo familiar tornou-se mais restrito, dado que hoje, os ambientes de estar/jantar ou de convivência, são socialmente partilhados com os hóspedes. Criaram-se novas acomodações e modificaram-se outras, sobretudo nos quartos dos clientes. Os banheiros foram adaptados para receberem os turistas, onde os pisos foram revestidos com cerâmica, as paredes foram azulejadas e as louças foram trocadas, possibilitando maior higiene e o conforto necessário às novas funções, receberam também área de iluminação e ventilação.

Atualmente, o Hotel Fazenda tem capacidade para abrigar 30 hóspedes, em cinco quartos existentes no corpo da construção (Figura 30), alguns deles com vários beliches. Oferece playground, cancha de esportes, lago para pesca e espaço para camping. Ainda na parte de lazer, propicia passeios a cavalo pela orla da lagoa e das plantações, como também o passeio de carrocinha, e trilhas que podem ser seguidas com auxílio de um guia em caminhadas.



Figura 30: Na imagem: Quarto de hóspedes da Fazenda do Sobrado. **Fonte:** Foto da autora, 2010.

As salas do pavimento térreo sofreram mudanças radicais, os antigos assoalhos de tábuas corridas foram substituídos por lajotas de cerâmica. As estruturas internas foram também alteradas, criaram-se novas aberturas e outras foram fechadas, permitindo melhor circulação entre os cômodos e a criação de novos ambientes.

Na sala de estar/jantar e de convivência com os hóspedes, uma das velhas paredes de alvenaria de tijolos foi coberta com pedras irregulares, na qual uma janela original foi vedada, transformada em um nicho com prateleiras para a exposição de antiguidades e de objetos curiosos. (Figura 31) Móveis antigos e velhos instrumentos de ferro e cobre, usados na lida cotidiana do antigo sobrado, completam a decoração e recuperam a memória do passado.



Figura 31: Na imagem à esquerda, 1: Aspecto das salas de jantar e estar. Na imagem à direita, 2: Detalhe da parede em alvenaria de pedras e do nicho formado pelo fechamento de uma janela. **Fonte:** Fotos da autora, 2008.

Na lateral do ambiente de estar foi construída uma bancada e uma lareira, ambas em alvenaria de pedras, que buscaram dar maior aconchego ao espaço. No ambiente da sala de jantar, o chão recebeu lajotas de cerâmica vitrificada, no qual se destaca o couro de vaca como um tapete. Numa das paredes desta sala, foi aberta uma porta que dá acesso à cozinha, visível ao fundo da imagem inserida abaixo, (Figura 32). Ou seja, algumas peculiaridades da época áurea do sobrado foram mantidas. Mas, outras características construtivas antigas dos ambientes originais se perderam.



Figura 32: Na imagem à esquerda, 1: O ambiente da sala de jantar. Na imagem à direita, 2: O ambiente da sala de estar. **Fonte:** Fotos da família Serpa, 2010.

Na área de serviços, a cozinha é parte integrante e ativa do sobrado, tanto para os visitantes, como para os proprietários e funcionários. O complexo da área de serviços foi alterado e perdeu suas características do colonial ou luso-brasileiro, não possui mais a peculiar despensa, seu tamanho foi reduzido pela metade e, o piso foi forrado com placas de cerâmica vitrificada. Acredita-se que o piso original era de tijolo de barro queimado. As paredes hoje foram revestidas com azulejos, até pouco acima da metade da superfície mural. Novas aberturas foram feitas. Perdeu-se outro cômodo que se situava ao lado da cozinha, chamado de despejo, por ser um compartimento onde se guardavam objetos em desuso.



Figura 33: Na imagem à esquerda, 1: O gado criado na Fazenda do Sobrado. Na imagem à direita, 2: Cavalos para a lida do campo e para os passeios dos hóspedes. **Fonte:** Fotos da autora, 2010.

A área campeira e produtiva do Hotel Fazenda foi sempre destinada a agropecuária. (Figura 33). Na estância do sobrado é criado gado leiteiro e para corte, cuja produção atende o consumo local da família e do hotel. Nela se desenvolvem os plantios de hortaliças e de grãos, como: o milho e o arroz. Estas culturas suprem as necessidades do estabelecimento. Nas refeições oferecidas pelo hotel são servidos pratos típicos da região da campanha: Os churrascos com fogo de chão são feitos juntos aos galpões, com seus apetrechos campeiros. Nos cafés coloniais

são servidos pães caseiros assados em fornos de rua, bolos e chimias, sucos de butiá e outras frutas.

Ou seja, vê-se que a localidade se adaptou às tarefas decorrentes da nova função do prédio e de seu entorno, de forma a ampliar os serviços e conjugá-los à lida cotidiana, fornecendo subsídios para que os turistas conheçam a área rural gaúcha e os seus costumes, a culinária, a arquitetura e a história do lugar, as narrativas e lendas de fatos que ali ocorreram. Aspectos primitivos da construção do sobrado foram mantidos, outros se perderam. Porém, essas modificações foram feitas com o objetivo de preservar o antigo casarão como patrimônio da cidade de São Lourenço do Sul e, ainda assim, conservar o prédio adaptando-o a uma nova função que possibilitasse rendimento econômico aos proprietários.

Alöis Riegl atentou para os valores de contemporaneidade dos monumentos antigos e salientou o valor instrumental desses edifícios (RIEGL, 1987). Segundo o autor, um prédio antigo, que hoje é utilizado com um fim prático, deve ser mantido de maneira que possa abrigar ao homem contemporâneo com segurança e salubridade. Mesmo que não fundamentada nas idéias do teórico austríaco, a reforma do sobrado de São Lourenço objetivou essa questão: o conforto, a segurança e a salubridade da família dos proprietários atuais e dos hóspedes. A nova função da construção e do seu entorno como Hotel Fazenda, também propicia rendimentos econômicos para garantir a manutenção da localidade.

Françoise Choay (Op. cit. 2001) apontou para a espetacularização do patrimônio na pós-modernidade, através da qual é movimentada e ampliada a economia das cidades e dos países por meio do turismo cultural. De certa maneira, é isto que se verifica atualmente no Hotel Fazenda de São Lourenço do Sul.

CONCLUSÃO

Esta monografia estudou o sobrado da fazenda São Lourenço, localizada no município de São Lourenço do Sul, às margens da Laguna dos Patos e do Arroio São Lourenço. O prédio foi construído pelas mãos de escravos, na última década do século XVIII, para residência do casal José da Costa Santos e Anna Joaquina Gonçalves. Hoje, a fazenda e o sobrado pertence à família Wienck Serpa.

O sobrado foi edificado dentro da estética arquitetônica luso-brasileira. Edifício com dois pisos e de linhas sóbrias, no qual predominam os cheios sobre os vazados, paredes grossas de tijolos, cobertura com telhas de capa e canal, janelas de guilhotina com escuros. Essas peculiaridades construtivas e estéticas de um tempo pretérito apontam para o valor artístico do sobrado, enquanto bem patrimonial da sociedade de São Lourenço do Sul. Ao mesmo tempo, a construção foi erguida como sede de fazenda e residência de vultos importantes da história da cidade, do Rio Grande do Sul e do Brasil. Foi cenário de fatos históricos, tanto na Revolução Farroupilha como na Guerra do Paraguai. Ou seja, aos valores estéticos da construção somam-se os valores históricos da localidade, que determinam o lugar e a arquitetura como Patrimônios da cidade de São Lourenço.

Atualmente, o antigo sobrado foi reformado e adaptado a uma nova função, e utilizado como Hotel Fazenda. Por um lado, a reforma eliminou elementos originais da arquitetura e descaracterizou internamente a construção. Por outro lado, as intervenções buscaram satisfazer às novas necessidades dos moradores e hóspedes, como: segurança, salubridade e conforto. A nova função da fazenda e do sobrado possibilitou ampliar os rendimentos econômicos dos proprietários e a conservação e uso do local. Sendo assim, acreditamos que a transformação ocorrida irá colaborar para a manutenção, como para a longevidade do prédio estudado.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

ABREU, Egon Ziebell. **Aconteceu no Sobrado.** Contos da História de um Povo da Lagoa dos Patos, Esteio. Pobreu Design & Comunicações, 2001.

ALMEIDA, Canrobert. **Olhares e Vivências Bioecológicas.** Disponível em: <<http://canrobertalmeida.multiply.com/photos/album/28/28#photo=9>>

ANDRADE, Gilnei. <http://gilneiandrade.blogspot.com/2008_02_01_archive.html>

Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 5674: Manutenção Predial: Procedimentos. Rio de Janeiro, 1999.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858).** Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1980.

ÁVILA, Affonso, MACHADO, João Marcos & MACHADO, Reinaldo Guedes. **Barroco Mineiro:** glossário de arquitetura e ornamentação. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

BARRETO, Aníbal. **Fortificações no Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. da Biblioteca do Exército, 1958.

BARRETO, Paulo Thedim. O Piauí e sua arquitetura. In: **Revista do IPHAN.** v.12. Rio de Janeiro, 1957.

BORGES, João F. **Rio Grande de São Pedro.** Rio de Janeiro: Bloch, 1940.

BUENO, Eduardo. **Capitães do Brasil:** a saga dos primeiros colonizadores. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

CARVALHO, C, Nóbrega, MG – **Manual. Da Arquitetura Colonial e Neoclássica Romântica RJ d.p.j.** Casa da Palavra, 2006.

COARACY, Vivaldo. **O Rio de Janeiro no século 17.** Rio de Janeiro. Objetiva, 1999.

COLLOR, Lindolfo. **Garibaldi e a Guerra dos Farrapos.** Porto Alegre: Globo, 1958.

COSTA, Jairo.; DIETRICH, Breno & ALMEIDA, José S. N. **150 anos de Imigração Alemã-Pomerana em São Lourenço do Sul. 1858-2008.** São Lourenço do Sul: Comunicar, 2008.

COSTA, Lucio. **Arquitetura dos jesuítas no Brasil.** Rio de Janeiro: Revista nº 5 do Património Histórico e Artístico Nacional, 1941.

COSTA, Lucio. Documentação necessária. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Lucio Costa:** sobre arquitetura. Porto Alegre: CEUA, 1962.

COUTO, José Alberto Ventura; PINETTI, Cíntia Cristina. **Análise das Patologias de Técnicas Construtivas Patrimoniais no Estado do Mato Grosso do Sul.** <<http://www.propp.ufms.br/gestor/titan.php?target=openFile&fileId=526>>

DREYS, Nicolau. **Notícia descritiva da Província de São Pedro do Sul (1839).** Porto Alegre: IEL, 1961.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Ediplat, 2006.

FULVIUSBSAS, **Arquitectura Colonial Portuguesa à volta do Mundo.** Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=7404249>>

GARRIDO, Carlos Miguez. **Fortificações do Brasil.** Rio Janeiro. Imprensa Naval. 1954.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial : recursos para a renovação do ensino de História e Geografia do Brasil. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.** v. 81, 2000.

GYMPEL, Jan. **História da Arquitetura:** da Antigüidade aos nossos dias. Lisboa: Könemann, 2000.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO (IPHAE). ISABELLE, Arsène. **Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834).** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

KAHN, Siegmund Ulrich. As capitâncias hereditárias, o governo geral, o Estado do Brasil. In: **Revista Ciência Política.** v. 6, 1972

LUCCAS, Luís Henrique Haas. **Estâncias e Fazendas:** arquitetura da pecuária no Rio Grande do Sul. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 1997.

LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil.** Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1975.

MAGDÁN, Marcelo **Arquitectura en Torno Del Patrimonio:** Sobre Conservación y Otras Cuestiones: Buenos Aires: Summa, 1987.

MESGRAVIS, Laima. **O Brasil nos primeiros séculos.** São Paulo: Contexto, 1994.

MINUANO On-line. Disponível em: <www.jornalminuano.com.br>

OLIVEIRA, Mário Mendonça de. **As Fortificações Portuguesas de Salvador quando Cabeça do Brasil.** Salvador: Omar, 2004.

OSÓRIO, Helen. Estrutura agrária e ocupacional. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Org.) **Coleção História geral do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Méritos, 2006.

Patrimônio Edificado: Orientações para sua preservação. Porto Alegre: Corag, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

RAMOS, Paula. Revista Aplauso. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=74042491>> s/d.

RETALHOS do Rio Grande. Histórica da Fazenda do Sobrado. Disponível em: <<http://retalhosdoriogrande.blogspot.com>>

RODRIGUES, José Wasth. **Documentário arquitetônico relativo à antiga construção civil no Brasil**. São Paulo: USP, 1979.

RIEGL, Alöis. **El culto moderno a los monumentos**. Madrid: Distribuciones, 1987.

SAIA, Luís. **Morada Paulista**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. São Paulo: EDUSP, 1974.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e Restauro) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. 2007.

_____. **Espelhos, máscaras, vitrines**: estudo iconológico de fachadas arquitetônicas – Pelotas, 1870-1930. Pelotas: EDUCAT, 2002.

_____. **Modernidade e Restauração**. Monografia (Disciplina de História e Teoria do Restauro - Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e Restauro) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. 2003.

SMITH, Robert C. **Arquitetura civil do período colonial**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 1969.

STEDILE, Lilian F. Pesquisa sobre Arquitetura Brasileira Sustentável. Disponível em: <<http://arquesustenta.weebly.com>>

SUSIN, Raquel. Redação: **Primeira Igreja do Brasil**. Disponível em: <http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/0Lvm/Primeira_Igreja_Do_brasil>

THINA. Série: **Herança arquitetônica**: Estilo português colonial. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=397751>> Acesso em: 2011/02.

TRINDADE, Jaelson. **Os Tropeiros.** São Paulo: Publicações e Comunicações, 1992.

UFPEL – A visão qual se apresenta, denominando as tipologias em tradicional luso-brasileira ou colonial (1800-1850), pelo inventário do patrimônio. Pelotas: IPHAN. 1987.

UFSC. **Herança Açoriana no Rio Grande do Sul:** Simpósio Luso Brasileiro, 2008. Disponível em: <http://www.UFSC.br/palestras_colloquio/Fabiano.pdf> Acesso em: 2011/02.